

Autônomos ganham maiores reajustes ¹⁵

Brasília — O Plano Cruzado e o congelamento de preços conseguiram inverter a tendência histórica de crescimento de salários: ao contrário do que aconteceu em anos anteriores, os trabalhadores, por conta própria, em setores pouco organizados da economia, tiveram ganhos salariais muito maiores que os empregados do setor organizado — que, após o Cruzado, conseguiram em média, um aumento de apenas 2% acima do abono de 8% concedido em março de 1986.

A informação é do presidente do Conselho Regional de Economia do Distrito Federal, Sérgio Cutola dos Santos, que explica esse comportamento dos salários pelos reflexos do Cruzado sobre as negociações coletivas e sobre os preços: enquanto que,

no setor estruturado da economia, como a indústria e o comércio formais, foram difíceis as negociações salariais, devido à impossibilidade de repasses dos aumentos aos preços, os trabalhadores autônomos e empregados nas empresas informais, fora do alcance da fiscalização, tiveram maior possibilidade de obter ganhos reais, graças ao ágio e aumento de preços dos bens e serviços.

Apesar de sua maior tradição sindical, os empregados no setor formal encontraram pela frente empregadores pouco dispostos a aumentos generosos. Assim, segundo dados da Federação da Indústria do Estado de São Paulo (Fiesp), seus empregados tiveram, de janeiro a outubro de 1986, um crescimento de apenas 11% em seus salários, enquanto que,

segundo informa Sérgio dos Santos, os trabalhadores por conta própria em São Paulo, tiveram, no mesmo período, um aumento salarial de, em média, 60%. Os empregados com carteira assinada em São Paulo, ganharam em média 22% de aumento, enquanto que os sem carteira assinada, tiveram 26%.

Os camelôs, profissionais liberais e empregados de empresas informais puderam beneficiar-se da falta de fiscalização e aumentar seus rendimentos até seis vezes mais que os outros assalariados. Houve, em média um aumento dos salários próximo aos 30% após o Cruzado. “Mas essa distribuição de renda foi feita de forma desigual”, conclui o presidente do Conselho Regional de Economia.